



ATIVIDADE BONELEIRA NO SERIDÓ POTIGUAR: O USO DO TERRITÓRIO DE SERRA NEGRA DO NORTE-RN EM EVIDÊNCIA

Irami Rodrigues Monteiro Júnior
Universidade Federal da Paraíba

Anieres Barbosa Silva
Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Fazer a leitura do território, do ponto de vista do desenvolvimento das atividades econômicas, no período da globalização, é uma tarefa complexa, uma vez que novos paradigmas estão postos, novas dinâmicas são sentidas e novas configurações territoriais observadas. Nesse propósito, o artigo em tela tem por objetivo compreender as formas articuladas, dinâmicas e contraditórias do território usado de Serra Negra do Norte pela atividade boneleira, uma vez que esse município tem se destacado na produção de bonés. Em 2020 foram produzidos aproximadamente 27.280.000 unidades. Para que esse objetivo fosse alcançado, alguns procedimentos metodológicos de pesquisa foram utilizados para o desenvolvimento do estudo, os quais foram divididos em três etapas: revisão da literatura, coleta de dados, análise e interpretação dos dados. Na região do Seridó Potiguar, e notadamente no município de Serra Negra, a indústria têxtil boneleira ganhou uma identidade característica e peculiar de uma sociedade que, na transição do rural para o urbano, buscou meios para adequar-se a nova realidade da globalização. Nesse processo, a atividade boneleira no município de Serra Negra do Norte é norteadada pela seletividade produtiva, que é dinâmica, dialética e contraditória, a qual assentou a divisão social do trabalho. Concluímos que a que a atividade boneleira em Serra Negra do Norte estabeleceu todas as singularidades entre o território e a produção de bonés, e que esta produção tem extrapolado fronteiras para os municípios paraibanos de Paulista e Malta. Esse movimento de algumas empresas de levar novas unidades para municípios de outros estados nordestinos tem como objetivo atingir novos territórios para ampliar sua produção e mercado consumidor, além da busca por incentivos fiscais que são destinados por prefeituras municipais.

Palavras-chave: Polo Boneleiro, Indústria têxtil, Seridó, Território Usado.

BONELEIRA ACTIVITY IN SERIDÓ POTIGUAR: the use of the territory of Serra Negra do Norte-RN in evidence

Abstract

Reading the territory, from the point of view of the development of economic activities, in the period of globalization, is a complex task, since new paradigms are in place, new

dynamics are felt and new territorial configurations observed. In this purpose, the article on screen aims to understand the articulated, dynamic and contradictory forms of the territory used in Serra Negra do Norte by the hat making activity, since this municipality has been prominent in the production of caps. In 2020, approximately 27,280,000 units were produced. In order to achieve this objective, some methodological research procedures were used to develop the study, which were divided into three stages: literature review, data collection, data analysis and interpretation. In the region of Seridó Potiguar, and notably in the municipality of Serra Negra, the bone-making textile industry gained a characteristic and peculiar identity of a society that, in the transition from rural to urban, sought ways to adapt to the new reality of globalization. In this process, the bone making activity in the municipality of Serra Negra do Norte is guided by productive selectivity, which is dynamic, dialectical and contradictory, which established the social division of labor. We conclude that the hat making activity in Serra Negra do Norte has established all the singularities between the territory and the production of caps, and that this production has gone beyond borders to the municipalities of Paulista and Malta in Paraíba. This movement of some companies to take new units to municipalities in other northeastern states aims to reach new territories to expand their production and consumer market, in addition to seeking tax incentives that are allocated by city halls.

Keywords: Pole Boneleiro, Textile industry, Seridó, Used Territory.

INTRODUÇÃO

As primeiras proteções para a cabeça surgiram por volta do ano de 4.000 a.C. no antigo Egito, na Babilônia e na Grécia, quando o uso de faixas na cabeça tinha finalidade de prender e proteger o cabelo. O primeiro chapéu, dotado de copa baixa e abas largas, foi usado por volta de 2.000 a.C., quando os gregos fizeram uso deste tipo de chapéu em suas viagens como forma de proteção. Por ser considerado um modelo prático e ajustável foi utilizado durante toda a Idade Média.

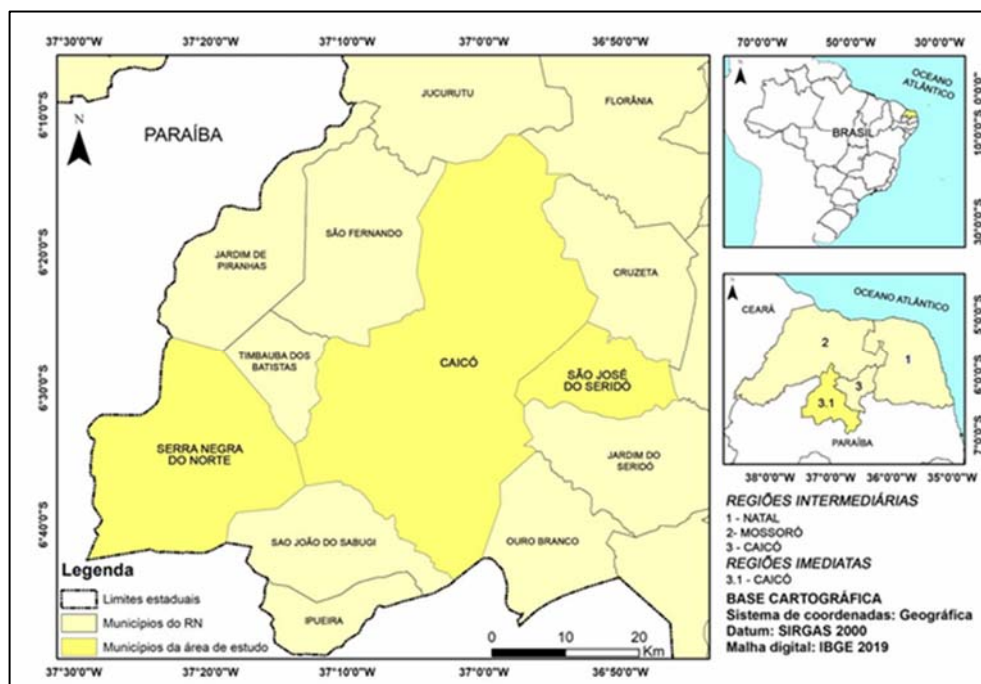
No entanto, nem todos podiam usar este acessório. Na antiga Roma, por exemplo, os escravos eram proibidos de usar chapéus, e apenas quando se tornavam livres é que passavam a usar um boné em forma de cone com uma ponta caída para o lado em sinal de liberdade (MONTANAUCCI, 2013).

Com o passar dos anos, os chapéus, bonés e outros acessórios de proteção para a cabeça passaram a ser utilizados com mais frequência e adquiriram outros sentidos. No final do século XX chapéus e bonés se tornam mais que uma peça de proteção, e passam a inferir um ditame de moda, como acessórios do vestuário, sendo explorado em larga escala pela indústria têxtil a partir da Revolução da Industrial Moderna, iniciada nos anos de 1870-1880.

Esse processo provocou o surgimento de novas formas de organização do espaço e de relações entre a sociedade e o espaço, as quais se espelham na divisão territorial do trabalho e de trocas existentes (MOREIRA, 2004). Nesse processo, durante a última metade do século XX, o Brasil foi se modificando, ou seja, de um país com traços predominantemente rurais e com uma industrialização quase incipiente, para um país com novas paisagens e novos processos produtivos em diversas regiões (LIMONAD, 2004).

Partindo desse princípio, o estado do Rio Grande do Norte também se inseriu, embora de forma periférica, nesse processo de mudanças e de industrialização, como é o caso da região Seridóⁱ, que se constitui no recorte espacial deste estudo. Nessa porção do território potiguar há uma expressiva relação econômica e cultural com a indústria têxtil desenvolvida no estado, sobretudo nos municípios de Serra Negra do Norte, Caicó e São José do Seridó (Mapa 01) onde estão concentradas as principais fábricas e facções da atividade boneleira da região do Seridó.

Mapa 01. Localização dos Municípios produtores de Boné na Região do Seridó/RN



Fonte: IBGE/2019. Elaborado pelos autores (2020).

Nessa região, a indústria têxtil boneleira ganhou uma identidade característica e peculiar de uma sociedade que, na transição do rural para o urbano, buscou meios para adequar-se a nova realidade da globalização. Assim, concordamos com o pensamento de Coraggio (1979) *apud* BREITBACH (1986, p. 79) ao advertir que a região, considerada como território, não tem significação em si mesma, pois

as características de um segmento concreto só adquirem sentido quando posta em relação com os processos da sociedade.

Logo, a construção de uma economia nos moldes de uma indústria têxtil se efetivou no Seridó, onde a economia dependia, basicamente, do cultivo do algodão, da pecuária bovina e da mineração. A partir do declínio desse tripé econômico a região do Seridó alterando seu perfil socioeconômico, passando de agrário/rural para terciário/urbano, como aponta Moraes (2006). Essa alteração se adéqua ao que Santos (1989, p. 25) classificou como uma “urbanização [que] se fez de maneira diferente e tem um conteúdo também diferente”, sendo por ele identificada como “urbanização terciária”, cenário de reestruturação ao qual a indústria busca para se instalar.

Dessa forma, o percurso da região do Seridó norte-rio-grandense, no século XX, revelou a travessia sobre uma topografia acidentada, ora por percursos em aclave, ora por caminhos declivosos. Nos interstícios das declividades, foi gestada a reestruturação sócioespacial e produtiva que “redefiniu o padrão populacional, de preponderantemente rural a hegemonicamente urbano, e os caracteres da economia agrários a prevalentemente terciários” (MORAIS, 2005, p. 01), e industriais, principalmente, a têxtil, que concedeu singularidade a essa região, façções do vestuário em São José do Seridó, Cruzeta, Parelhas, Acari e Jardim do Seridó, artefatos domésticos (pano de prato e derivados) e rede de dormir em Jardim de Piranhas e bonés em Serra Negra do Norte, Caicó e São José do Seridó (AZEVEDO E AZEVEDO, 2020).

Não é incomum determinadas atividades conceder características aos lugares, principalmente a partir da divisão internacional do trabalho. Na história da humanidade, mais especificamente na Idade Antiga, foram encontrados relatos de produtos ou processos que se destacaram por características específicas que os diferenciavam dos demais concorrentes. São produtos que, em virtude do local onde eram produzidos, adquiriram características que não conseguiam ser reproduzidas por produtores de locais diversos. Esses produtos ou serviços passaram a ser identificados pelo nome do local onde eram produzidos (SILVA; BRITO; SOUZA, 2016).

Nessa perspectiva analítica, o artigo em tela versa sobre a indústria boneleira da região do Seridó, com o intuito de compreender as formas articuladas, dinâmicas, combinadas e contraditórias do uso território do município de Serra Negra do Norte/RN na produção de artigos de proteção e acessórios pela atividade boneleira, o boné.

Para que esse objetivo fosse alcançado, alguns procedimentos metodológicos de pesquisa foram utilizados para o desenvolvimento do estudo, os quais estão divididos em três etapas: revisão da literatura, coleta de dados, análise e interpretação dos dados. A revisão bibliográfica procedeu com o objetivo de estabelecer uma interlocução entre os autores que se dedicam à discussão de questões relacionadas aos conceitos norteadores sobre a indústria boneleira e o uso do território.

A segunda etapa foi constituída por observações de caráter exploratório; levantamento de dados primários em campo, a partir de entrevistas semiestruturada/observação direta, e dados secundários em documentos, sites como Guia da Indústria/FIERN (Federação da Indústria do Rio Grande do Norte), que para tanto usamos as seguintes palavras-chave para a pesquisa: Os municípios (Serra Negra do Norte, Caicó e São José do Seridó); Fabricação de acessórios do vestuário, exceto para segurança e proteção; produto/Boné e no site do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) coletando dados estatísticos sobre a atividade boneleira do Seridó, além de dados em jornais, artigos, teses, dissertações e livros que antecederam a última etapa, cujo perfil é indiscutivelmente analítico e crítico dos resultados.

O surgimento da indústria boneleira no Seridó Potiguar

A atividade boneleira surge inicialmente na região do Seridó/RN no município de Caicó, no ano de 1984, como uma nova atividade produtiva, e se expandiu de forma acelerada, por causa da comercialização do produto nas vaquejadas da região do Seridó, do Sertão Paraibano e do Agreste Pernambucano. Como as demais atividades industriais que seguem a lógica do capital, do mercado e pela seletividade do lugar, essa atividade é transformada numa prática de ocupação especializada e fragmentária do espaço, orientada pela e para a divisão territorial do trabalho e para o aumento contínuo da produtividade (MOREIRA, 2001). Nesse sentido, o ano de 1994 foi marcado pelo período em que boné se tornou líder absoluto na área de brindes promocionais, em razão do preço acessível e da divulgação de logomarcas feitas pela mídia, principalmente pela produção dos produtos ligados ao piloto Ayrton Sena (LINS, 2011).

Partindo do sentido da seletividade, Moreira (1997) que se orienta por um processo de ensaio e erro, no decurso do qual, sucessivamente, a sociedade se ambientaliza, se territorializa e, assim, se enraíza culturalmente, a indústria boneleira fixa no território seridoense como um elemento de pertencimento desse lugar, e passa a ter grande destaque na produção. Esse movimento se intensifica quando em 1997 foi criada a ABRAFAB'Q (Associação Brasileira dos Fabricantes de Bonés de Qualidade), criada em Apucarana/PR, tendo como objetivo promover o desenvolvimento, aprimoramento da eficiência e da qualidade junto às empresas fabricantes de bonés para a comercialização no mercado internacional.

Nesse contexto, a indústria boneleira do Seridó Potiguar se consolida com a abertura comercial para a importação, e o surgimento de novas indústrias de bonés localizadas no Rio Grande do Norte. E com isso, as empresas locais se depararam com mais uma concorrência que os incentivou pela busca da diferenciação dos produtos através de exclusividade nos casos de bonés (MONTANAUCCI, 2013), e a região a partir da técnica que provém do processo da ambientalização, territorialização e enraizamento cultural promovido pela

seletividade, com o qual ao mesmo tempo mantém uma relação de interioridade e autonomia, de modo a melhor servir-lhe de mediação (MOREIRA, 2001).

Esse processo se acentua com o desenvolvimento dos meios de transferência de transporte, comunicações e transmissão de energia, característica essencial da organização espacial da sociedade moderna, principalmente a partir da década de 1990, quando se intensificou a abertura de pequenas unidades fabris de bonés e chapéus, tecelagens e confecções de artigos populares de cama, mesa e banho, além de empresas confeccionistas prestadoras de serviço (CAMPOS, *et al.*, 2017), o que pode ser percebido nos municípios de Caicó, Serra Negra do Norte e São José do Seridó.

Com a crescente especialização produtiva dos lugares, possibilitada pela combinação entre o desenvolvimento dos sistemas de transportes, comunicações e a política de Estados e empresas, aumentam os fluxos materiais e informacionais, distanciando cada vez mais os locais de produção dos locais de consumo, tornando mais complexas a distribuição espacial das atividades econômicas e a articulação entre as diferentes etapas, em diferentes lugares, da produção (CASTILLO; FREDERICO, 2010), e com isso dinamizando o uso do território, pois é neste que “desemboca todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (SANTOS, p. 13, 2007).

Nesse sentido, estudos de CAMPOS *et al.*, (2017) sobre os arranjos produtivos têxteis da região do Seridó e sua cadeia de suprimentos mostram, a partir de dados da Associação Seridoense de Confecções (ASCONF), que essa região conta com a maior concentração de fábricas (confecções terceirizadas) do Rio Grande do Norte, sendo responsável pela ocupação de quase 2.500 empregos diretos e indiretos.

Nessa região, através da seletividade, o espaço se impregna de um conteúdo técnico que se apresenta de maneira diversificada e crescente. É essa diversidade que conduz o processo do povoamento dos espaços para a multiplicação dos gêneros e modos de vida (MOREIRA, 2001), sendo nos territórios de Caicó, São José do Seridó e Serra Negra do Norte/RN onde atividade boneleira se materializou e se mantém liderando a maior produção de bonés no Nordeste brasileiro.

Dados do SEBRAE (2017), a partir do estudo da competitividade dos setores têxtil e confeccionista no estado do Rio Grande do Norte elaborado e editado pelo IEMI (Inteligência de Mercado), expressam que os municípios de Caicó, Serra Negra do Norte e São José do Seridó contabilizavam 65 unidades, sendo 48 unidades fabris localizadas em Caicó, 16 em Serra Negra do Norte e uma na cidade de São José do Seridó.

Ainda segundo dados do SEBRAE (2017) a produção de bonés é representativa no estado, em especial no município de Caicó, totalizando uma produção na ordem de 22,5 milhões unidades anuais, o que corresponde a uma média de quase 2

milhões de bonés por mês. Este volume assegura a região do Seridó como o segundo maior Polo Boneleiro do país, ficando atrás apenas do Polo de Apucarana/PR. A partir de nossa pesquisa in loco concordamos que o Polo Boneleiro do Seridó, composto pelo uso dos territórios de Serra Negra do Norte, Caicó e São José do Seridó, é o segundo maior do Brasil na produção e distribuição de bonés. Contudo, a centralidade da produção outrora localizada em Caicó agora se encontra em município de Serra Negra do Norte.

O município de Serra Negra do Norte possui hoje 41 unidades especializadas na fabricação de bonés. Durante a pesquisa de gabinete conseguimos identificar 11 unidades junto ao guia da indústria/FIERN, e na pesquisa de campo constatamos a existência de 28 com o CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) ativo, como disposto no (Quadro 2).

Quadro 2. Levantamento Quantitativo das Bonelarias do Município de Serra Negra do Norte-RN

LEVANTAMENTO DE CAMPO				
RAZÃO SOCIAL	NOME FANTASIA	ABERTURA	CNPJ	SOCIAL CAPITAL
T. H. INDÚSTRIA E COMERCIO DE BONÉS LTDA	T H BONÉS	20/09/2019	34.940.431/0001-50	R\$ 60.000
JV ATACADISTA DE CONFECÇÕES LTDA	BONELARIA ALMEIDA	17/02/2006	07.844.981/0001-00	R\$ 50.000
JOÃO ENÉAS DE ALMEIDA	J A BONÉS	19/03/2010	11.767.593/0001-32	R\$ 50.000
GEORGE W. J. FARIA	*	04/09/2013	18.938.490/0001-37	R\$ 40.000
JOSE PAULO SOUSA DE ARAÚJO	BONELARIA DEUS E MAIS	21/09/2006	08.322.743/0001-90	R\$ 40.000
MARIA DO O ARAÚJO ALMEIDA BENUA	BONELARIA DA SERRA	04/04/2008	09.521.160/0001-50	R\$ 40.000
MURILO A. DANTAS	BONÉS NORDESTINO	24/04/2014	20.385.604/0001-00	R\$ 40.000
N.C. DOS SANTOS MOURA	ATACADÃO E VAREJÃO DO BONÉ	14/05/2007	08.833.716/0001-81	R\$ 40.000
ONALDO DE ARAÚJO GUEDES	O A GUEDES	15/08/2017	28.423.843/0001-10	R\$ 40.000
T H G RIBEIRO	BONELARIA BONÉ BOM	02/01/2018	29.339.952/0001-16	R\$ 40.000
CADMO ALISSON MOREIRA DE ARAÚJO	NEW ESTYLE BONÉS	22/10/2019	35.268.246/0001-23	R\$ 30.000
D A MEDEIROS	MVM BONÉS	01/08/2019	34.390.019/0001-03	R\$

BONELARIA				30.000
J LUCENA FILHO CONFECÇÕES	LUCENA BONÉS	17/03/2020	36.697.285/0001-09	R\$ 30.000
L C F DE LIMA MOREIRA	CIA DAS CAMISETAS E BONÉS PERSONALIZADOS	06/04/2017	27.479.759/0001-55	R\$ 30.000
LEILA ALMEIDA LOBO	BONELARIA BONEBOM	27/07/2010	12.370.298/0001-00	R\$ 30.000
M DO O F ALVES BONELARIA	*	07/04/2015	22.208.613/0001-51	R\$ 30.000
R A DE ALMEIDA BONELARIA	R R BONÉS	28/01/2015	21.766.635/0001-74	R\$ 30.000
T M C WANDERLEY	PROJETO DE DEUS	11/05/2015	22.424.390/0001- 60	R\$ 30.000
B DE S SILVA	BEN FATTO ENGENHARIA E CONSTRUÇÕES	13/02/2020	36.363.701/0001- 32	R\$ 100.000
A F LINHARES JUNIOR	JUNIOR BONÉS	01/05/2019	33.501.192/0001- 79	R\$ 25.000
CLEDEMIR ROBSON DANTAS MARIZ	C R D M BONÉS	02/03/2020	36.516.669/0001- 88	R\$ 10.000
FRANCISCO DAS CHAGAS WANDERLEY MARIZ	F C W MARIZ	22/04/2008	09.544.814/0001- 61	R\$ 25.000
JOAO LEONIDAS DA SILVA NETO	EL SHADAY	12/11/2019	35.489.339/0001- 88	R\$ 20.000
VIEIRA BONÉS E CONFECÇÕES LTDA	BONELARIA E CONFECÇÕES VIEIRA	02/09/2014	20.971.841/0001- 53	R\$ 20.000
L.F. DANTAS BONÉS	REBOOTE BONÉS	10/07/2007	09.000.932/0001- 09	R\$ 15.000
VITOR MATHEUS CARNEIRO DOS SANTOS	VB BONÉS PERSONALIZADOS	15/07/2020	37.730.949/0001- 57	R\$ 20.000
BONELARIAS IDENTIFICADAS PELO GUIA DA INDÚSTRIA-FIERN				
RAZÃO SOCIAL	NOME FANTASIA	ABERTURA	CNPJ	CAPITAL SOCIAL
EDINALDO DANTAS DE ARAÚJO - ME	CONFECÇÕES PRESENTE DE DEUS	11/11/2003	06.038.740/0001-01	*
MARIO SALVIANO DE OLIVEIRA - EPP	J A BONÉS	24/01/2005	07.208.050/0001-08	*
J J A VIEIRA - ME	J J COMERCIO	24/05/2007	08.854.707/0001-77	R\$ 40.000

TARCÍSIO ENÉAS DE ALMEIDA - ME	BONELARIA WRL	29/11/2010	13.187.401/0001-44	R\$ 50.000
JEILSA DOS SANTOS DE JESUS	BONELARIA ALMEIDA	06/11/1994	70.310.909/0001-21	R\$ 72.400
ANDREIA CRISTINA CIRQUEIRA DE MOURA - ME	BONELARIA BEIRA RIO	27/02/2008	09.428.488/0001-27	R\$ 30.000
LEONAM DE SOUZA - ME	BONELARIA ANA LUIZA	02/06/2009	10.916.238/0001-15	R\$ 30.000
DILMAR DE FREITAS DANTAS - ME	Debb - Boné	10/06/2010	12.333.935/0001-79	R\$ 5.000
J A DAMASCENO BONELARIA ME	PRIME BONÉS	30/01/2015	21.786.990/0001-05	R\$ 30.000
A F A BONELARIA EIRELI	A F A BONELARIA	10/09/2019	34.839.079/0001-60	R\$ 100.000
FÊNIX INDÚSTRIA E COMERCIO DE BONÉS LTDA	BONELARIA FÊNIX	07/10/2019	35.094.910/0001-65	R\$ 60.000
*Dados não informados e/ou não identificados				

Fonte: Pesquisa de Campo (2020) e dados da FIERN: Guia da Indústria (2020). Elaborados pelos os autores (2021).

Além das informações apresentadas no quadro 02, convém ressaltar que a dinâmica do uso território do município apresentado em tela apresenta ramificações da produção com o estado da Paraíba. Essa dinâmica será melhor explicitada em tópicos seguintes.

Dinâmica e uso do território de Serra Negra do Norte pela atividade boneleira

Para refletirmos sobre a dinâmica e o uso do território no recorte espacial deste estudo, partindo do entendimento de que o território deve ser entendido como o território usado, não o território em si, ou seja, que o território usado é o chão mais a identidade, e a identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence (SANTOS, 2007). Desse modo, ressaltamos que Serra Negra do Norte estabeleceu todas as singularidades entre o território e a produção de bonés, sendo percebida como a verticalidade materializada do fenômeno hoje. Nesse processo, estão presentes os vetores da racionalidade superior e do discurso

hegemônico que criam interdependências – que tendem a ser hierárquicas – “tanto mais numerosas e atuantes quanto maiores as necessidades de cooperação entre lugares” (SANTOS, 1996a, p. 284–285).

Os principais estímulos para que empresas se instalem num determinado território são: mão de obra barata, matéria-prima, equipamentos ou tradição em determinada atividade produtiva, demanda de consumo e suporte para distribuição da produção. Após a consolidação da atividade boneleira no município de Caicó, Serra Negra do Norte teve no ano de 1994 sua primeira bonelaria em funcionamento.

Inicialmente, a indústria boneleira do Seridó esteve concentrada em Caicó, por ser o principal município da região e oferecer todos ou os principais aparelhos para a reprodução do capital, sobretudo a partir do final da década de 1980 e início de 1990 quando a região adquiriu requisitos locacionais de atividades modernas, conforme asseverou Wilson Cano ao defender a hipótese de que as regiões mais desenvolvidas do país estariam em condições de crescer com maior velocidade num contexto de modernização acelerada (CANO, 1997).

Nessa linha de reflexão, a região adquire uma importância de capital significado na ordem real da organização espacial das sociedades modernas. Em Serra Negra do Norte, o uso do território pela atividade boneleira é desencadeadora de uma “tensão estrutural” (MOREIRA, 1997) originária das oposições criadas pelos princípios da localização e distribuição no ato da seletividade.

Por ocasião da pesquisa *in loco* no município de Serra Negra do Norte identificamos 41 unidades fabris especializadas na produção de boné, das quais, além do boné, uma produz chapéu e outra também se dedica a produção de camisetas. Esses dados não correspondem aos que foram levantados junto ao Guia Industrial da FIERN, e apresentados anteriormente. Essa disparidade encontrada durante a realização dos trabalhos de campo ocorre porque muitas empresas não se cadastraram junto a Federação da Indústria ou a abertura do CNPJ ter ocorrido após o levantamento dos dados realizado pelo SEBRAE.

Portanto, esses dados colocam em xeque as informações apresentadas pela FIERN e pelo SEBRAE, visto que elas expressam que o município de Caicó tem 48 unidades e possui o maior número de empresas enquanto Serra Negra do Norte conta com apenas 16 unidades produtivas, algo bem discrepante em relação aos que obtivemos e já apresentamos anteriormente.

Cabe ainda considerar que nos últimos cinco anos a fabricação de bonés em unidades não regulamentadas, as denominadas de fundo de quintal, tem crescido em ritmo acelerado. A atividade boneleira no município de Serra Negra do Norte é norteada pela seletividade produtiva, que é dinâmica, dialética e contraditória, entre esses territórios produtores na busca pelo desenvolvimento econômico, nos quais a indústria possui diferenças e singularidades.

A falta de fiscalização por parte dos órgãos reguladores permite que essas empresas atuem, na maioria dos casos sem a regulamentação necessária do

estabelecimento e dos seus funcionários. Sem a presença de sindicatos, cooperativas e associações, que são notadamente a forma de organização de pessoal e de luta de classes, esse tipo de ação irregular tem se perpetuado.

Apesar desse cenário de irregularidade, ou de informalidade, as boneleiras têm buscado cada vez mais técnicas e se especializado em determinados produtos que atendam ao mercado consumidor, combinando produtos, como é o caso das boneleiras que fabricam chapéus e camisetas. Além disso, a seletividade espacial tem crescido demasiadamente e o estado da Paraíba tem exercido um papel importante, pois a atividade boneleira de Serra Negra do Norte tem extrapolado fronteiras para os municípios de Paulista-PB (Comunidade Mimoso, zona rural) e Malta-PB. Esse movimento de algumas empresas de levar novas unidades para estes municípios paraibanos tem como objetivo atingir novos territórios para ampliar sua produção, informação, mercadorias, mão de obra barata e mercado consumidor, além dos incentivos fiscais direcionados pelas prefeituras, como doação de terrenos e isenção de impostos.

Segundo dados do Projeto Setorial de Boneleira (2004) e do Censo das Boneleiras (2008), ambos coordenados e desenvolvidos pelo SEBRAE que instituiu o Polo Boneleiro do Seridó (LINS, 2011), os municípios de Caicó, São José do Seridó e Serra Negra do Norte compõem o referido Polo. Contudo, após a abertura de novas unidades nos municípios paraibanos de Paulista e Malta acreditamos que o Polo Boneleiro do Seridó também se ampliou para além dos limites da região do Seridó, ou seja, esses municípios paraibanos também fazem parte do Polo Boneleiro do Seridó, tendo em vista que as sedes das unidades produtivas estão concentradas em Serra Negra do Norte. Com isso, a produção desenvolvida nos dois municípios da Paraíba poderá ser agregada ao montante da produção de Serra Negra do Norte.

Construção da qualificação técnica da atividade boneleira e as disparidades da divisão social do trabalho

Fazer a leitura do território, do ponto de vista do desenvolvimento das atividades econômicas, no período da globalização, é uma tarefa complexa. Novos paradigmas estão postos, novas dinâmicas são sentidas e novas configurações são notadas. É preciso identificar os agentes, entender os processos e as relações que influenciam nas decisões, nas normatizações que reorganizam e reestruturam o território (BOMTEMPO, 2011).

A partir das características atuais do fenômeno técnico, as transformações atuais da sociedade e do espaço geográfico podem ser examinadas e entendidas se levamos em consideração três dados constitutivos de nossa época: a unidade técnica, a convergência dos momentos e a unidade do motor da vida social (SANTOS, 1999).

O estado do Rio Grande do Norte, a exemplo do território nacional, constitui-se numa unidade contraditória que inclui tanto as zonas de mais intensa de

densidade técnica, científica e informacional, quanto aquelas de rarefação, onde pessoas e objetos – e sua dinâmica - são regidos por uma racionalidade menos afeita à divisão internacional do trabalho (ARROYO; GOMES, 2013).

Nesse contexto, a inserção da indústria boneleira no território de Serra Negra do Norte assentou a divisão social do trabalho. Assim, e aportado na ideia de Camargo e Serrano (1983, p. 04), a

Divisão do Mercado de Trabalho em dois segmentos, de homens e de mulheres, tem sido explicada pelos economistas de diversas formas, dividido em dois grandes grupos, cuja diferença básica está no papel desempenhado pelo comportamento dos agentes econômicos individuais no processo de determinação de salários.

A inserção por gênero na indústria boneleira sempre foi basicamente masculino. Predominam os empregados do gênero masculino, com 65,1% do total na indústria têxtil e 34,9% composto do gênero feminino. No entanto, percebemos um aumento na participação das mulheres nos últimos anos, passando de 33,2% em 2011 para 34,9% em 2015 (SEBRAE, 2017). Diferente do setor têxtil, na confecção a predominância é grande dos empregados do gênero feminino, com uma participação de 72,8%, restando ao público masculino 27,2% (SEBRAE, 2017). Em nossa análise quanto à distribuição na indústria boneleira em Serra Negra do Norte, o gênero predominante é masculino (62%) e o feminino representa (38%), o que corrobora com os dados acima. Entretanto, chamamos a atenção para o fato de que a indústria boneleira possui especificidades.

Isso ocorre em culturas aonde os papéis dos sexos são fortemente diferenciados, pois os homens e as mulheres olham diferentes aspectos do meio ambiente e adquirirão atitudes diferentes para com ele (TUAN, 2012). Isso evidente em algumas atividades que são ocupadas exclusivamente pelo gênero masculino, como o bordado, a pintura, o acabamento (teste de qualidade, engomagem do boné, etiquetar, pregar o botão e embalagem) e a feitura de bico. Essas funções são desempenhadas praticamente por 100% dos empregados do sexo masculino, fato observado em todas as fábricas que se encontram em atividade na área da pesquisa.

Os instrumentos normativos visam garantir às mulheres e aos homens oportunidades e tratamento no trabalho e empregos iguais, porém existem desigualdades criadas pela sociedade e que são fruto do patriarcado que, apesar de circunstâncias como época, região e desenvolvimento cultural, continuam compreendendo a mão de obra feminina como secundária e desvalorizada (SILVA; SILVA, 2014).

Essa divisão por gênero, no tocante a ocupação de vagas, se justifica porque essas funções na maioria das fábricas são desempenhadas nos três turnos (matutino,

vespertino e noturno), ou seja, durante 24 horas, como é o caso do bordado; outras são insalubres, como é o caso da pintura, pelas altas temperaturas; e o acabamento, por ter processos demorados que requerem horas extras, praticamente todos os dias. Por isso, o gênero feminino não procura esses setores da produção, talvez porque as mulheres exercem jornadas duplas de trabalho e também porque essas atividades ainda são dominadas por trabalhadores do sexo masculino, havendo, portanto, um preconceito velado quando mulheres ocupam essas vagas.

No campo produtivo, há uma representação simbólica do trabalho de homens e do trabalho de mulheres, e há uma divisão de tarefas que (cor)respondem a essa representação (SILVA; SILVA, 2014). Essa divisão incide também sobre o valor do trabalho do homem e da mulher, expressão no valor diferenciado de salários e na desvalorização do trabalho doméstico (ÁVILA, 2013). No entanto, as empresas mantêm uma política salarial diferenciada por setores do segmento de produção, “totalmente aglomeradas em redes flexíveis ou que dependem de oferta de mão de obra especializada e serviços avançados ligados à produção” (ROLNIK; FRÚGOLI JÚNIOR, p. 46, 2001).

Algumas funções na produção do boné são bastante complexas e perfeccionistas, que requerem profissionais qualificados, como pespontador, copeiro, feitor de bico e pregador de bico. Essas etapas da produção do boné têm salários diferenciados por constituir uma das fases mais importantes, e, também, pela falta de mão de obra qualificada. Diante desse cenário, os salários são diferenciados para manter o funcionário na empresa, sendo os salários pagos, em média, 1.100, 1.200, 1.400 e 1.700 reais mensais, respectivamente, (isso no ano de 2020) para quem trabalha nos setores anteriormente mencionados. Contudo, legalmente na carteira de trabalho são registrados como um salário mínimo.

Outro setor que também tem a forma salarial diferenciada é o setor produtivo do bordado e da pintura, nos quais os trabalhadores recebem por produção, ou seja, recebem de acordo com a quantidade produzida mensalmente. Para cada bordado ou pintura o funcionário recebe aproximadamente de 0,40 e 0,35 centavos por unidade produzida, respectivamente. Assim, nesse modelo os funcionários desse setor produtivo conseguem ultrapassar o valor do salário base (salário mínimo). Em alguns casos o aumento salarial varia entre 50 e 200 %, atingindo valores entre 1.800 e 2.500 reais mensais. Esse processo ocorre em todas as empresas.

Essa forma diferenciada do salário base também se deve pela escassez de mão de obra qualificada, uma vez que a competição entre empresas pelo empregado qualificado tem aumentado. Por isso, algumas empresas estão capacitando ou treinando os funcionários, algo que foi constatado durante a realização de entrevistas quando procuramos obter informações sobre o assunto. Na ocasião, nos foi relatado que falta pessoal qualificado e, por isso, é a própria empresa que está fazendo o treinamento de funcionários contratados, pois muitos nunca trabalharam ou exerceram atividade em qualquer setor da produção do boné.

Este processo diferencial pode ser interpretado como uma das características mais nefastas da unicidade técnica, que é a existência de um sistema técnico hegemônico e excludente que, sob a égide da racionalidade da globalização, torna escasso o acesso ao trabalho, sobretudo naquelas regiões que, não ocupando uma posição privilegiada na divisão territorial do trabalho, funcionam, principalmente, como uma espécie de reserva territorial de mão de obra barata (TAVARES, 2014). Tudo isso para atender a lógica do capitalismo que cria suas próprias regras. Segundo Santos (1985, p. 10) afirma que “cada lugar é uma combinação de diferentes modos de produção particularmente ou modos de produção concretos”.

A forma como a atividade boneleira se territorializou em Serra Negra do Norte acorrenta o trabalhador as suas condições, pois a competição entre os lugares e empresas está cada vez mais acirrada. À medida que o empregado produz mais o empregador ganha mais. Entretanto, o empregado não detém autonomia da quantidade produtiva e, por exemplo, a partir do momento que surge uma crise o empregador pode diminuir parcialmente ou totalmente a produção, não assegurando a construção salarial do operário em regime de produção.

Como bem destaca Milton Santos (1985) é a presença de combinações particulares do capital e do trabalho que constitui uma forma de distribuição da sociedade global no espaço, e espaço como sinônimo de território usado, que atribui a cada unicidade técnica um valor particular para cada lugar. Isso porque o lugar, que a rede organiza em sua ação arrumadora do território, é um agregado de relações ao mesmo tempo internas e externas (SANTOS, 1996b).

Os fixos e os fluxos dos agentes do território de Serra Negra do Norte em rede

O território apresenta limites fixos cuja extensão é variável historicamente e suas formas de ocupação são definidas pelo uso do poder (o soberano, com suas formas coercitivas) e pelas relações entre classes sociais envolvidas no âmbito do modo de produção dominante em escala mundial, da influência de modos de produção precedentes sobre o atual e pelo sistema político que regula o impacto do modo de produção no âmbito nacional e local (FUINI, 2014).

O território é tido, portanto, como social, isto é, guardando em si as marcas do trabalho humano, das relações de poder dos homens entre si e com o meio circundante. Além disso, o território usado também revela as ações estatais que são postas em tela em diferentes contextos, privilegia, geralmente, os interesses das classes hegemônicas.

Há territórios que se distinguem de outros devido às possibilidades abertas à fluidez. Essa fluidez se dá por meio da instalação de equipamentos (fixos) que proporcionam as circulações de homens, produtos, mercadorias, dinheiro, informações, ordens etc. Aqueles marcados por densidades técnicas e informacionais, ficando, com isso, aptos a atraírem atividades com grande

conteúdo de capital, tecnologia e organização, podem ser chamados de luminosos (SANTOS; SILVEIRA, 2001).

A indústria boneleira do Seridó Potiguar consolidou a instalação de equipamentos para a manutenção da atividade. No entanto, é possível afirmar que essa atividade ainda é altamente dependente das regiões centro-sul para a obtenção de matéria-prima, como tecidos e materiais plásticos (assessórios), que em sua maioria é adquirida de Apucarana/PR, que possui a maior produção de bonés do Brasil, e de São Paulo/SP. Outras, como embalagens, linhas e aviamentos, são adquiridas em Natal/RN, em Caicó/RN ou em Caruaru/PE.

No intuito de diminuir ou acabar com essa dependência, o município de Serra Negra começou a especializar parte do processo de fabricação, com a atuação das empresas de dublagem de tecido e na produção de abas (Quadro, 03), para atender praticamente todas as empresas do setor de bonelaria presente município, as quais dependiam totalmente da cidade de Caicó para a obtenção daquela matéria-prima, linhas, tecidos e acessórios.

Quadro 3. Empresas que Assistem a Atividade Boneleira do Município de Serra Negra do Norte-RN

DUBLADORAS/DEPÓSITOS/PRODUTOS TÊXTEIS E LINHAS ACESSÓRIOS				
RAZÃO SOCIAL	NOME FANTASIA	ABERTURA	CNPJ	CAPITAL SOCIAL
BEN HUR JERONIMO COSTA	TECELAGEM DA SERRA	03/07/2007	09.123.640/0001-63	R\$ 40.000
L W MARIZ COMERCIO	-	21/12/2016	26.747.893/0001-27	R\$ 40.000
MIENA TÊXTIL LTDA	MIENA	01/02/2006	07.834.210/0001-24	R\$ 40.000
A LINHARES DA SILVA	FABRICA E DEPOSITO LINHARES	22/03/2017	27.361.870/0001-42	R\$ 30.000
DUBLADORA E INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES E ACESSÓRIOS SERRA NEGRA LTDA	DUBLADORA SERRA NEGRA	02/07/2007	09.033.532/0001-08	R\$ 30.000
INDÚSTRIA DE BONÉ UNIÃO LTDA	DUBLADORA UNIÃO	29/04/2010	11.887.548/0001-11	R\$ 20.000

Fonte: Pesquisa de Campo (2020). Elaborado pelos autores (2021).

Esse espaço de fluxo está sendo intensificado por redeiros que estão comercializando mercadorias (bonés de Serra Negra do Norte) no estado do Acre, tendo sua entrada pela cidade de Cruzeiro do Sul, chegando até a Bolívia, a partir da cidade de Brasileia/AC. Entendemos, ainda, que o percentual da produção destinada para essas localidades está relacionado à atuação do Polo das Redes de Dormir de São Bentos/PB. Isso porque a ação combinada da comercialização de redes de dormir e bonés têm aumentado consideravelmente nos últimos anos nessa região do país.

Como pôde ser visto os maiores índices ainda se encontram no Estado do Rio Grande do Norte e demais estados do Nordeste, pois uma característica dessa atividade nos municípios produtores é que algumas fábricas possuem lojas e escritório em outros estados nordestinos para distribuírem a produção e atingir o maior número de consumidores em menor tempo.

No tocante à distribuição para as regiões Sudeste e Centro-Sul, apesar de Apucarana/PR ser o maior polo produtor de bonés, fica claro que há competição entre os polos, visto que essas regiões consomem, aproximadamente, 31,2% da produção. Como fator preponderante desse índice são os preços baixos das mercadorias e a diminuição da distância entre os lugares vividos no período informacional, o que assegura cada vez a divisão social e econômica do trabalho.

Outros aspectos relacionados à circulação da produção do Seridó/RN que foi identificado durante a realização da pesquisa se refere às dinâmicas territoriais decorrentes da produção de bonés que refletem diretamente no território de Serra Negra do Norte. De acordo com dados da Prefeitura Municipal de Serra Negra do Norte, a atividade despontou no mapa econômico do país pela alta produção de bonés. Nesse sentido, são produzidos por mês uma média de 1 milhão de peças.

Os produtos são exportados para várias regiões e garantiu à cidade, recentemente, a segunda posição no ranking de produção do acessório no Brasil (PREFEITURA DE SERRA NEGRA DO NORTE, 2017). Ademais, segundo informações prestadas pelo prefeito de Serra Negra do Norte, Sérgio Fernandes, a atividade boneleira representa atualmente a geração de emprego e renda para 10% da população, o que equivale a aproximadamente 800 empregos diretos pela indústria boneleira, uma vez que a estimativa populacional do município é de 8.092 hab. (IBGE, 2020).

A partir de nossos levantamentos in loco, realizados em Serra Negra do Norte, e analisando dados de pesquisas anteriores, como a de Lins (2011) que debruçou sobre os circuitos espaciais da produção nos territórios de Serra Negra do Norte, Caicó e São José do Seridó, constatamos que, na época da realização da pesquisa dessa autora, a concentração da produção em Caicó estava em torno de 276.500/mês, enquanto em Serra Negra do Norte a produção era de aproximadamente 105.000/mês.

Entretanto, a análise da produção quantitativa realizada pela autora se concentrou somente a partir de duas unidades fabris localizadas em Serra Negra

do Norte, as quais, a época, eram as menores em termos de produção no município, e oito unidades em Caicó, tendo na análise, as maiores produtoras, como a Bonelart e a AG Bonés Ramalho. Contudo, os números dessas duas unidades são expressivos quando comparado à Caicó.

Pressupondo que o território, enquanto relação de apropriação da sociedade sobre o espaço, não pode ser analisado somente pela fixidez e estabilidade, o conceito de território-rede incorpora, para além daqueles atributos, o movimento (fluxos) e as diferentes formas de mobilidade. Sendo assim, ele não seria somente um território-zona, mas também um território-rede (HAESBAERT, 2004).

Enquanto produto, por interação ou retroação, o espaço intervém na própria produção: organização do trabalho produtivo, transportes, fluxos de matérias-primas e de energias, redes de repartição de produtos. Isso ligado à mobilidade do território que envolve um conjunto valores, regras, condições geográficas (aqui compreendido os dispositivos tecnológicos), econômicos e sociais, ou seja, um conjunto que possibilita o deslocamento de bens materiais e imateriais em movimento crescente desde que a sociedade industrial modificou radicalmente as condições de velocidade e de deslocamento (DANTAS, 2016).

No território de Serra Negra do Norte o meio informacional nas indústrias boneleiras, ou o território-rede modifica e organiza o uso do território ao combinar de forma complexa o material e o imaterial, na medida em que as redes contemporâneas “configuram territórios descontínuos, fragmentados, superpostos, bastante distintos da territorialização dominante na chamada modernidade clássica”, de acordo com Haesbaert (p. 281, 2004). Significa também, hoje, “construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento, no e pelo movimento” (HAESBAERT, p. 280, 2004). Na era das redes e da geolocalização, intensificam-se os movimentos de desterritorialização e reterritorialização, gerando novos “territórios construídos através da mobilidade humana” (*idem*).

No território formado a partir da atividade boneleira em Serra Negra do Norte a organização do trabalho produtivo, os transportes, os fluxos de matérias-primas e de energias, as redes de repartição de produtos se dão de forma independente, com transporte próprio (caminhões baú) até as lojas e escritórios das empresas localizadas em cidades e estados estratégicos, como as cidades de Caruaru, Recife em Pernambuco, e Fortaleza, no Ceará.

Essas cidades se caracterizam como pontos estratégicos por serem fortes polos de uma economia popular, que compõe um dos instrumentos da economia inferior, além de ser dessas cidades estratégicas que escoam a produção. Essa prática é adotada pela maioria das praticamente empresas do município para diminuir o tempo da entrega da mercadoria ao cliente e na contenção dos custos, pois se torna mais conveniente dispersar a produção para estados do Nordeste, chegando até as regiões Centro-Sul e Norte.

Na busca pela otimização da distância acirrada pela divisão internacional do trabalho, o uso da internet tem propiciado uma nova forma de comercialização e

distribuição dos bonés, pois o território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares articulado pelo meio informacional acelerado pela globalização (SANTOS, 1994). O uso da internet articulada à atividade boneleira se inseriu na comercialização da produção, sobretudo, pelos representantes comerciais das empresas. Os representantes comerciais trabalham de forma autônoma, mas assumem uma espécie de parceria simbiótica com os empresários, os quais oferecem preços diferenciados e assim fidelizando o representante comercial.

Assim sendo, esses representantes comerciais são agentes sociais cujos sistemas de objetos que partilham e sistema de ações que realizam modificam-se em função da sua permanência em seu município/lugar e viagens por outros municípios do país/espaco através da rede, totalmente dependente do sistema informacional, pois a interlocução entre o cliente e as empresas se dá exclusivamente pela internet por intermédio das redes e mídias sociais (*instagram, facebook, whatsapp, sites e e-mail*).

Essa forma de comercialização da mercadoria observada no território de Serra Negra do Norte tem crescido cerca de 200% nos últimos cinco anos, principalmente na venda de bonés personalizados, sendo uma forma de diminuir, e em alguns casos cessar, a produção e comercialização de produtos falsificados, comumente denominados de “piratas”, o que era muito comum, apesar da legislação brasileira ressaltar que a comercialização de produto falsificado é crime, como a fraude no comércio, prevista no Artigo 175 do Código Penal. Segundo alguns empresários, esse tipo de comercialização (pela internet) tem permitido que várias empresas do ramo se mantivessem em um mercado cada vez mais acirrado. Essa nova forma de comercialização para algumas empresas representa, aproximadamente, 92% da destinação da produção. Esse tipo de atividade é extremamente vantajoso para as empresas, uma vez que a responsabilidade pela distribuição da mercadoria é feita pelos representantes comerciais. De modo geral, essa distribuição ocorre por meio do Sistema Correios (Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos).

Em Serra Negra do Norte esse tipo de distribuição ou despacho representa, segundo a intuição local, aproximadamente 96% das atividades dos Correios. A comercialização de bonés pelas redes e mídias sociais representa, portanto, uma nova forma de comercialização da produção de bonés no município, o que corrobora com as reflexões estabelecidas por Alexandrino (2010, p. 15) em sua pesquisa sobre acessos e utilidades no ciberespaço, na qual apontou que “95% dos participantes alegou ter havido mudanças em suas vidas devido à Internet”.

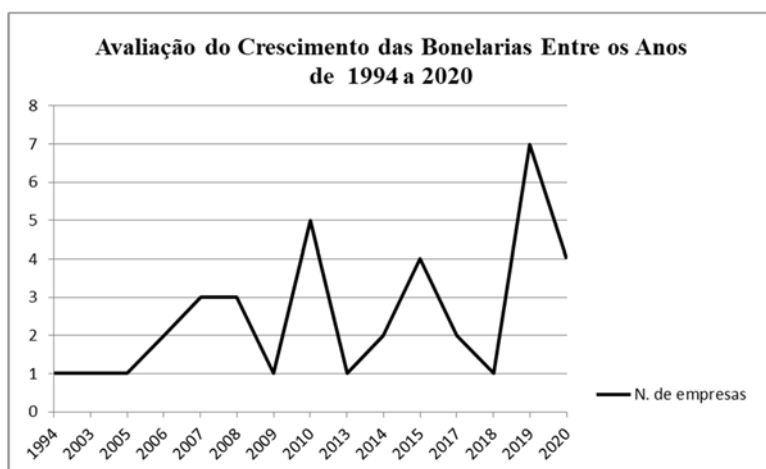
Segundo Alexandre Silva, o então gerente da agência dos correios de Serra Negra do Norte, em entrevista a Soares (2019), a ideia da postagem de bonés nos correios começou de forma tímida, com alguns jovens que buscavam independência financeira em meio à crise de 2008. Nesse processo, os Correios e o SEBRAE, que começou a assessorar um pequeno grupo de jovens, e que hoje já somam mais de 180 pessoas que comercializam pela internet (e-commerce), desempenham papéis importantes como agentes de cooperação, sobretudo nas

etapas de distribuição e circulação das mercadorias. Por isso, é possível afirmar que essa forma de comercialização se tornou uma das principais estratégias de uso do território pela indústria boneleira de Serra Negra do Norte. Após a ampliação desse tipo de comercialização a agência dos Correios deste município e a terceira com maior movimentação de fluxo na região do Seridó, atrás apenas de Caicó e Currais Novos.

Os Correios representa um dos principais agentes de cooperação do uso território de Serra Negra do Norte, pois por meio da sua rede capilar garante que os bonés produzidos e comercializados pela internet cheguem a qualquer região do país e do mundo. Segundo os empreendedores digitais isso garante que as vendas intermediadas pelos Correios gere um sentimento de confiança quanto à entrega, rastreabilidade e oferta de preços (SOARES, 2019). Nesse sentido, a divisão internacional do trabalho com o advento da globalização e a exploração do uso do território fica cada vez mais evidente com o encurtamento do espaço-tempo, e os Correios cumprem bem esse papel por ser a única empresa de logística presente em todos os 5.570 municípios brasileiros. Outra forma de distribuição da produção se dá por meio de táxi aéreo, cada vez mais comum nesse ramo.

A produção de bonés personalizados em Serra Negra do Norte cresceu aproximadamente 65% nos últimos três anos, segundo os empreendedores digitais. O ano de 2019 foi marcado pela expansão do alcance das vendas pela internet pelos representantes comerciais que passaram a comercializar bonés para outros países, como Argentina, China e Portugal (SOARES, 2019). Além do aumento da produção e do alcance das vendas ocorridos em 2019, outro dado que merece destaque, e que corrobora com o aumento exponencial da produção, é que foi também nesse ano que ocorreu a abertura do maior número de novas bonelarias, como podemos observar no (Gráfico 1).

Gráfico 1. Amostragem do Crescimento de Abertura de Novas Bonelarias no Município de Serra Negra do Norte-RN



Fonte: Trabalho de Campo (2020). Elaborado pelos os autores (2021).

Como podemos perceber nos dados apresentados no gráfico tem havido uma evolução no número de novas unidades, com destaque para a abertura de sete novas unidades em 2019 e quatro em 2020, apesar das crises econômica e sanitária vivenciadas no Brasil nos últimos anos, principalmente a partir de 2020 com o surto do novo Coronavírus SARS-CoV-2 que provocou uma pandemia pela COVID-19. Essa pandemia tem provocado grandes transtornos ao crescimento econômico, inclusive com a interrupção da produção de bonés por quase dois meses.

Apesar dessa crise, e considerando o que foi exposto, é possível dizer que o município de Serra Negra do Norte vem assumindo um papel de destaque na produção de bonés nas últimas duas décadas. Por tudo isso, o município tem apresentando uma produção bastante significativa, aproximadamente 28.280.000 de unidades anuais, mostrando a importância das microempresas (0 a 19 funcionários) e pequenas empresas (20 a 99 funcionários) atuando no território formado pelo rol de 41 unidades fabris identificadas durante o desenvolvimento desse artigo, não somando a produção das duas unidades no estado da Paraíba. Portanto, esses dados, associados a outras informações apresentadas ao longo do artigo nos conduz a afirmar que o município de Serra Negra do Norte é o principal produtor de bonés da região Nordeste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvidas de que as indústrias, de modo geral, são uma das principais promotoras do desenvolvimento econômico em escalas diversas. Isto é, observa-se que desde a inserção desse agente social, sobretudo no Seridó, as diversas microrregiões do país passaram a obter maior destaque em termos de desenvolvimento regional, principalmente naquelas situadas no interior de estados, como os nordestinos.

Na região do Seridó, notadamente no município de Serra Negra do Norte, a fabricação de bonés está fazendo com que esse município se constitua como um dos principais polos industriais no ramo boneleiro do Brasil. No âmbito local, a produção industrial assume importância fundamental tanto para as dinâmicas territoriais quanto para o mercado de trabalho e para a geração de renda na região, principalmente com a abrangência de novos mercados possibilitada pela internet e agilidade na distribuição da produção.

A atuação de empresas, como a Presente de Deus, a West Real Live (WRL), Boné Bom, Bonelaria Ana Luiza e a Bonelaria Beira Rio, gerou uma considerável contribuição no número de postos de trabalho, absorvendo pessoal da zona rural do próprio município e de municípios paraibanos, como São José de Espinharas e Paulista, o que possibilitou acesso à renda e a melhoria das condições de reprodução social dos indivíduos que estão inseridos no processo. Contudo, ressaltamos que esse processo também expressa o desenvolvimento contraditório, desigual e combinado que está presente em diversas atividades e

em distintas formas de reprodução do capital, em que se faz presente, por exemplo, a exploração da força de trabalho.

Por fim, cabe registrar que embora seja concebido com um grande polo industrial boneleiro da região do Seridó e do Nordeste brasileiro, Serra Negra do Norte poderia obter maior destaque quando consideramos outras dimensões escalares, como as de âmbito nacional, ou até mesmo internacional.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRINO, Willian Pereira. Ciberespaço-penetração nas culturas subalternas e futuro para o Brasil. **Biblioteca Latino-Americana de Cultura e Comunicação**, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: < <http://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/246-760-1-PB.pdf>>. Acessado em: 20/03/2021.

ARROYO, Mónica; GOMES, Rita de Cássia da Conceição. O RIO GRANDE DO NORTE NO COMÉRCIO INTERNACIONAL: circuito espacial da produção de têxteis e de confecções. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 12, n. 29, p. 31-38, 2013. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/pdf/2736/273629350004.pdf>>. Acessado em: 13/07/2020.

ÁVILA, Maria Betânia de Melo. A dinâmica do trabalho produtivo: uma contradição viva das mulheres. In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (Orgs.). **Mulheres brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado**: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2013.

AZEVEDO, Igor Rasec Batista; DE AZEVEDO, Francisco Fransualdo. O espaço nacional da economia internacional: O circuito espacial da produção têxtil no Rio Grande do Norte. **Revista da ANPEGE**, v. 16, n. 30, p. 266-288, 2020. Disponível em: <<file:///C:/Users/Irami%20Rodgues/Downloads/10610-43187-1-PB.pdf>>. Acessado em: 27/03/2021.

BOMTEMPO, Denise Cristina. **Dinâmica territorial, atividade industrial e cidade média**: as interações espaciais e os circuitos espaciais da produção das indústrias alimentícias de consumo final instaladas na cidade de Marília – SP. 2011. 455 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2011. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/105059>>. Acessado em: 02/06/2020.

BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda. **Estudo sobre o conceito de região**. 1986. 121f Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Porto Alegre, 1986. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/40421/000049807.pdf?sequence=1>>. Acessado em: 01/08/2020.

CAMARGO, José Márcio; SERRANO, Franklin. **Os Dois Mercados: homens e mulheres na indústria brasileira**. Texto para discussão, No. 46, Pontifícia

Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Departamento de Economia, Rio de Janeiro. Disponível em: < <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/186294/1/td046.pdf>>. Acesso em: 17/04/2020.

CAMPOS, Domingos Fernandes; SILVA, Leandro Aparecido; EL-AOUAR, Walid Abbas. Os arranjos produtivos têxteis da região do Seridó/RN e suas relações com a gestão da cadeia de suprimentos. **Exacta**, v. 15, n. 4, p. 137-154, 2017. Disponível em: < <https://periodicos.uninove.br/exacta/article/view/6925>>. Acessado em: 20/08/2020.

CANO, Wilson. Concentração e desconcentração econômica regional do Brasil 1970/95. **Economia e sociedade**, v. 6, n. 1, p. 101-141, 1997. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643294>>. Acessado em: 09/09/2020.

CASTILLO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**, v. 22, n. 3, p. 461-474, 2010. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198245132010000300004&script=sci_abstract&tlng=es>. Acessado em: 04/03/2020.

DANTAS, Aldo. Circuito espacial de produção e lugar. **Sociedade e Território**, v. 28, n. 1, p. 193-199, 2016. Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/9889>>. Acessado em: 01/09/2020.

FIERN – Guia da Indústria. **Indústria Têxtil do Rio Grande do Norte**, Natal, 2019. Disponível em: < <https://guiaindustrial.fiern.org.br/login> >. Acessado em: 18 de Jun. de 2020.

FUINI, Lucas Labigalini. Território e territórios na leitura geográfica de Milton Santos. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, v. 6, n. 1, p. 253-271, 2015. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/braziliangeojournal/article/view/28837> >. Acessado em: 16/01/2021.

HAESBAERT, Rogerio. Territórios, redes e aglomerados de exclusão. *In*: HAESBAERT, Rogerio. Territórios, redes e aglomerados de exclusão. **O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” a multiterritorialidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 279-336, 2004.

IBGE. **Regiões Geográficas**, 2014. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional> >. Acessado em: 01. Fer. 2020.

_____. **Regiões Geográficas**, 2017. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional> >. Acesso em 01. Fer. 2020.

_____. **Cidades e Estados**, 2020. Disponível em: <
<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/serra-negra-do-norte.html>>.

Acessado em: 25. Mar. 2020

_____. **Malha Municipal Digital do Brasil**, 2019. Disponível em:
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acessado em: 02. Ago. 2019.

LEVY, Pierre. **Cibercultura** (tradução de Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMONAD, Ester. O Brasil do Século XXI, Regionalizar Para Que? Para Quem? *In*: LIMONAD, E.; HAESBAERT, R.; MOREIRA, R. (Orgs). **Brasil século XXI: por uma nova regionalização**. Rio de Janeiro: Editora, Letra capital, 2004. P. 123-152.

LINS, Zara de Medeiros. **Circuitos espaciais de produção da atividade boneleira: o uso dos territórios de Caicó, Serra Negra do Norte e São José do Seridó**. 240f. 2011. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Natal, 2011. Disponível em: <
<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/18924>>. Acessado em: 06/06/2020.

MONTANAUCCI, Alexandre; TRIACA, Andria Claudia. **Processos e desenvolvimento da criação do boné**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Apucarana, 2013. Disponível em: <
<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/6278> >. Acessado em: 17/05/2020.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. As Relações Campo-Cidade no Sertão do Seridó. *In*: SILVA, José Borzachiello; DANTAS, Eustogio W. Correia; ZANELLA, Maria Elisa; MEIRELES, Antonio Jeovah De Andrade (Org). **Litoral e sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro**, v. 1, p. 79, 2006.

_____. Seridó norte-rio-grandense: reestruturação e planejamento regional. XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. **Anais...** Salvador: UFBA/ANPUR, 2005. Disponível em: <
<http://www.xienanpur.ufba.br/251.pdf> >Acessado em: 22/06/2020.

MOREIRA, Ruy. A nova divisão territorial do trabalho e as tendências de configuração do espaço brasileiro. *In*: LIMONAD, E; HAESBAERT, R; MOREIRA, R. (Orgs). **Brasil século XXI: por uma nova regionalização**. Rio de Janeiro: Editora, Letra capital, 2004. P. 123-152.

MOREIRA, Ruy. As categorias espaciais da construção geográfica das sociedades. **GEoGraphia**, v. 3, n. 5, p. 15-32, 2001. Disponível em: <
<https://pdfs.semanticscholar.org/c8b7/48a66a1fa0154caa8cb3a8b5f90a4f8ddcbe.pdf> >. Acessado em: 27/07/2020.

MOREIRA, Ruy. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. **Ciência Geográfica**, n. 6, p. 1-11, 1997. Disponível em:

http://docs.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/cartografia_ensinoGeografia2016/racioc%EDnio%20geogr%E1fico%20-%20ruy%20moreira.pdf >. Acessado em: 11/10/2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SERRA NEGRA DO NORTE-RN. **Produção de bonés em Serra Negra do Norte é a segunda maior do Brasil**, 2017. Disponível em: < <http://serranegra.rn.gov.br/noticias/producao-de-bones-a76.html> >. Acessado em: 02 de Set. de 2020.

ROLNIK, Raquel; FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. **Cadernos Metrópole.**, n. 06, p. 43-66, 2001. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/metropole/article/viewFile/9268/6874> >.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

SANTOS, Milton. **Território, Globalização e Fragmentação**. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida; SILVEIRA, Maria Laura (Org). São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996a.

_____. **Manual de geografia urbana**. São Paulo: Hucitec, 1989.

_____. **Técnica, espaço, tempo**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996b.

_____. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Revista Território**, v. 4, n. 6, p. 5-20, 1999.

_____. O Dinheiro e o Território. In: **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. (Org). Milton Santos; Bertha k. Becker. Rio de Janeiro: Lamparina, 3 ed. 2007.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SEBRAE. **Censo das Bonelarias do Seridó Potiguar**. Caicó: SEBRAE/RN, 2008.

_____. **Projeto Setorial de Bonelaria**. Natal/RN: SEBRAE, 2004, 25p.

_____. **Estudo de Competitividade dos Setores Têxtil e Confeccionista no Estado do Rio Grande do Norte**. Natal: SEBRAE/RN, 2016-2017. Disponível em: < <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RN/Anexos/SEBRAE%20%20Estudo%20Competitividade%20Setor%20Textil%20do%20Rio%20Grande%20do%20Norte%202016%20-%20FINAL.pdf>>. Acessado em: 18/05/2020.

SILVA, Cínthia Kaline Vieira; BRITO, Luísa Medeiros; SOUZA, Thomas Kefas Dantas. A indicação geográfica como promotora do desenvolvimento local e regional: o caso (em potencial) do bordado do Seridó. **Revista GEINTEC-Gestão, Inovação e Tecnologias**, vol. 6, n.1, p. 2982-2990, 2016. Disponível em: < <http://www.revistageintec.net/index.php/revista/article/view/875>>. Acessado em: 27/09/2020.

SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento. SILVA, Joseli Maria (Org). **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. 1 ed. Ponta Grossa: Todapalavra, 2014.

SOARES, Maik. **Correios Impulsiona Negócios no Sertão Nordestino**. Disponível em: <<https://reporter1se.com.br/correios-impulsiona-negocios-no-sertao-nordestino/>>. Acessado em: 19 de Dez. 2020.

TAVARES, Matheus Avelino. Elementos teóricos para compreensão dos dois circuitos da economia urbana no Rio Grande do Norte-Nordeste. **GeoTextos**, v. 10, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/9273>>. Acessado em: 14/12/2020.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**/Yi-Fu Tuan; tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

ⁱDe acordo com a nova Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias (IBGE, 2017), o estado do Rio Grande do Norte possui as seguintes Regiões Geográficas Intermediárias, com suas respectivas Regiões Geográficas Imediatas: **Natal** (Natal, Santo Antônio-passe e Fica-Nova Cruz, Canguaretama, Santa Cruz, João Câmara e São Paulo do Potengi); **Mossoró** (Mossoró, Pau dos Ferros e Açú) e **Caicó** (Caicó e Currais Novos). É na Região Intermediária de Caicó que está contida a Região do Seridó, segundo a penúltima classificação do IBGE (2014). Apesar da nova delimitação regional, optamos por utilizar a regionalização anterior devido aos aspectos relacionados à identidade econômica, política e cultural presente na região do Seridó.